



SAGA ENCANTADAS: (RE)CONSTRUÇÕES DOS ENREDOS NOS CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS

Masenildo Soares da Silva; Orientadora: Prof.^a Doutora Rosângela Neres Araújo da Silva

Universidade Estadual da Paraíba, masenildo@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba
rosangelaneresuepb@gmail.com

Resumo: Os contos de fadas são histórias que contadas, na infância se perpetuam por toda nossa vida. Da meninice até a idade adulta, crescemos encantados por enredos fantásticos, todavia os elementos de fascinação são peculiares a cada idade e também ao tempo. Partindo do ponto em questão, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma breve análise da trilogia *Saga Encantadas*, da autora Sarah Pinborough, que constrói seus enredos a partir da formulação adaptativa. Utilizando-se dos contos clássicos conhecidos, tais como Branca de Neve, Cinderela, A Bela Adormecida, entre outros, a autora constrói suas narrativas na contemporaneidade a partir de aspectos como linguagem, vestimenta e vivência atual, a fim de renovar os contos tradicionais para o público juvenil e jovem adulto. Para tanto, a metodologia aplicada parte da leitura da saga observando as mudanças entre os textos clássicos dos Irmãos Grimm e outros autores e a escrita contemporânea de Pinborough. Como embasamento teórico utilizamos Brait (2006), Merege (2010), Hunter (2010), Bettelheim (2015), dentre outros. Como resultados, buscamos um diálogo entre a literatura infantil e juvenil clássica e os novos textos adaptados, também, vislumbramos reafirmar os contos clássicos como ponto essencial para a construção de novos textos e ponto primordial para o enriquecimento imaginativo.

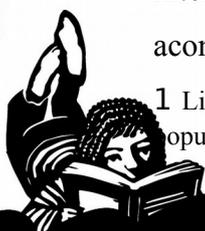
Palavras-chave: Conto de fadas, Trilogia Saga Encantadas, Enredos, Adaptações.

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas, enredos que encantam já na infância por conta da sua estruturação galgada no fantástico e maravilhoso ganham na contemporaneidade, a renovação constante de autores que tendem a reescrever essas histórias a seu modo, criando a partir dos clássicos novos textos. Essas reconstruções de enredos surgem com uma gama de propósitos, alguns com finalidades educativas, como exemplo, a volta do público a leitura, outros apenas com o foco na vendagem, ou seja, o lucrativo. Mesmo com motivos variados, podemos perceber que os jovens tendem a um fascínio por tais histórias já que circulam hoje com grande vigor perante o coletivo.

Desse modo, a incessante busca dos adolescentes por esse tipo de livro faz surgir na atualidade os *best-sellers*¹; como exemplo podemos citar a saga Harry Potter (J. K. Rowling) e a Saga Dessesesseis Luas (Kami Garcia e Margaret Stohl). Essas novas narrativas circulam intensamente entre os jovens e ganha mais adeptos. Curia (2012) aponta que a identificação acontece por conta da fusão que os autores contemporâneos conseguem fazer em relação ao

¹ Livro que foi incluído na lista dos mais vendidos, considerado como "literatura de massa" extremamente popular no mercado editorial.





fantástico, sentimentalismo, realidade e linguagem atual. Desse modo, uma das causas que leva a boa receptividade é o fato da renovação do gênero, seja em temática, seja em linguagem.

É certo que, em se tratando de adaptação literária, a intertextualidade para a construção de histórias vem a partir do diálogo entre o clássico e o moderno. Curria (2012, p. 3) mostra que o amor, os laços de amizade, a constante disputa entre bem e mal, a linguagem simples e ligação direta entre o personagem fictício com a vida real, por vezes remetendo diretamente a alguém conhecido ou até a si mesmo, faz das adaptações um achado incrível para um público que está cansado de leituras obrigatórias de textos cheios de formalismos. Assim, essas novas obras discutem temas relevantes a sociedade vigente, levando o leitor a questionar e se posicionar criticamente, promove também, mesmo que de forma indireta, a volta do jovem a uma relação frutífera com a leitura além reavivar o clássico na atualidade.

Portanto, o presente trabalho objetiva, a partir da análise na trilogia *Saga Encantadas*, evidenciar se os enredos dos contos de fadas contemporâneos reafirmam os clássicos, e mostrar que essas novas obras podem retomar o gosto pela leitura no público juvenil, a partir da inserção adaptativa de elementos atuais, construindo assim, um diálogo entre o clássico e o contemporâneo para o enriquecimento imaginativo do leitor.

SAGA ENCANTADAS: O LEITOR JUVENIL E SUA RELAÇÃO COM OS CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS

A *Saga Encantadas* constitui uma adaptação dos contos de fadas tradicionais, feita pela escritora Sarah Pinborough², que nasceu em 1972, na cidade de Milton Keynes, Inglaterra. Romancista e roteirista de grande sucesso na Europa, destaca-se por abordar em suas obras assuntos não só recorrentes no cotidiano, mas também por explorar assuntos considerados inapropriados, como sexo, morte e a não totalidade de bondade ou maldade em seus personagens, sempre de forma reflexiva e questionadora.

A obra em questão origina-se da possibilidade de intertextualidade entre os contos de fadas e os contextos e temas da atualidade. É dividida em três volumes: “Veneno”, “Feitiço” e “Poder”, e seus enredos reconstroem os contos de fadas. Os volumes se apresentam intencionalmente interligados, não lineares, mas impulsionando a leitura de todos os livros que compõem a Saga. Pinborough (2014, p. 216) aponta que “São três livros autônomos, mas

² Ver <http://sarahpinborough.com/about>. Acesso em 23/08/2017.





VII ENLIJE

ao mesmo tempo, eles formam um círculo. Desse modo, independentemente de onde você começar, cada história estará completa.”

Assim como na TV a qual já vem há tempos mostrando essa possibilidade de desconstrução por meios de adaptações, a exemplo da mundialmente conhecida série *Once Upon a Time*³, Pinborough recria seus enredos ignorando a linearidade dos contos clássicos, levando em consideração as alterações necessárias para o reflexo da época de expansão e amadurecimento dos contos, a linguagem, o espaço narrativo e a caracterização das personagens.

Regidos por uma linguagem voltada ao público juvenil e jovem adulto, os livros mostram sentimentos e ações humanas como vingança, rancor, sedução, erotismo, e a busca pelas realizações pessoais. Leva em consideração os leitores que buscam nos livros histórias que refletem a realidade, com mais humanização dos personagens, sem perder a imaginação e a magia. Busca uma adequação do seu mundo perante o olhar do autor, encontrando caminhos para responder os questionamentos vigentes na sociedade.

Desse modo, a *Saga Encantadas* interliga as personagens de vários contos de fadas, favorecendo as diversas interpretações e leituras, bem como resgata a relação de empatia com personagens já conhecidos, mas com características mais reais e cotidianas. A proposta da autora é que os personagens se despissem de suas versões clássicas, inserindo-se ao contexto contemporâneo, mas que ainda mantivessem um diálogo com os personagens conhecidos dos contos de fadas. Pinborough (2014, p. 218) argumenta que “há um grande contraste entre os personagens modernos e o mundo dos contos de fadas. Contudo ao mesmo tempo eu acreditava que aquele seria o único jeito de escrever sobre o tema para os leitores de hoje.”

Essas alterações são necessária quando se leva em conta o ambiente social. Na atualidade, as personagens têm uma maior liberdade em suas atitudes, ganham voz, aceitam a influência de outras tramas que são interligadas a sua, sempre tendo como principal propósito a recuperação da trama principal, ganhando maior espaço para a interpretação do leitor.

A CONTEMPORANEIDADE DOS CONTOS DE FADAS NA OBRA DE SARAH PINBOROUGH

O primeiro livro da *Saga Encantadas*, “Veneno”, tem suporte no conto de fadas da Branca de Neve. Por ser uma das obras mais conhecidas no imaginário infantil e juvenil, a

³ Série de televisão americana criada por Adam Horowitz e Edward Kitsis, e inicialmente transmitida pela emissora ABC. Transcorre seu enredo a partir dos personagens de contos de fadas que foram trazidos para o mundo real e tiveram suas memórias originais roubadas por uma maldição poderosa.





VII ENLIJE

Branca de Neve é um dos textos que mais recebe adaptações e releituras na contemporaneidade.

Bettelheim (2015, p. 279) mostra que:

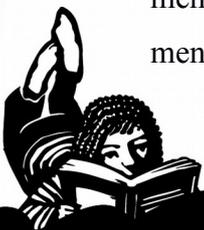
“BRANCA DE NEVE” é um dos contos de fadas mais conhecidos. Tem sido narrado há séculos, sob várias formas, em todos os países e línguas europeias; daí se disseminou para os outros continentes. Quase sempre o título da história é apenas o nome “Branca de Neve”, embora existam muitas variações. “Branca de Neve e os Sete Anões”, o título pelo qual o conto é hoje amplamente conhecido, é um expurgo que, infelizmente, enfatiza os anões, que não conseguindo alcançar uma humanidade amadurecida, estão permanentemente presos a um nível pré-ediapiano (anões não têm pais, nem tampouco casam ou têm filhos) e servem apenas de fundo para realçar os desenvolvimentos importantes que estão ocorrendo em “Branca de Neve”.

O distanciamento entre a história clássica e a adaptação acontece já a partir do título do livro, “Veneno”, no qual é retirada a dependência da personagem principal, com a finalidade de conduzir com maior flexibilidade, os rumos que essa poderá assumir. O título não faz referência a uma personagem única, mas a um estado de emoções e sentidos que enfoca prováveis mudanças na conduta da própria personagem em questão, materializando seu comportamento e suas ações.

Escrito para o público juvenil e jovem adulto, o enredo transcorre entre o sentimentalismo humano repleto de inveja, erotismo e ironias, sentimentos que não aparecem no conto infantil, de proposta mais ingênua. O “era uma vez” é retirado da adaptação, edificando com maior força a ideologia de um enredo construído com um outro tempo, contexto e públicos.

Na adaptação, verificamos um percurso da narrativa bem próximo ao do conto clássico dos Irmãos Grimm, mas já com a caracterização do traje da protagonista começamos a observar as interferências da modernidade: “Vestia calças de montaria marrons e cavalgava com as pernas longas separadas, uma de cada lado do cavalo, como um homem. Sua camisa era frouxa, mas tocada pela brisa leve, grudou-se às suas formas magras elegantes [...]” (PINBOROUGH, 2013, p. 8). Há um despojamento das roupas clássicas de princesa, no qual o luxo da nobreza é substituído por uma indumentária mais leve e sensual. As roupas refletem a praticidade da modernidade, a facilidade de mobilidade e o declínio da suntuosidade da realeza.

A personalidade de Branca de Neve vai de encontro às leituras conhecidas; aquela menina meiga, cheia de delicadezas e ingenuidade, e dotada de bondade é transportada para mente de um dos anões que a caracteriza: “Talvez pensar nela como realmente é fosse





doloroso demais. — O anão fez uma pausa. — Mas ela é a pessoa mais bela e bondosa que conheci.” (PINBOROUGH, 2013, p.177).

A singeleza e a ingenuidade são deixadas de lado, mostrando um amadurecimento pessoal, transportando a Branca de Neve clássica para uma visão madura e cheia de personalidade tipicamente jovial: “— Você não pode me impedir! — A garota a empurrou para o lado e saiu andando apressada e com passos pesados pelo corredor. — Vou fazer o que quiser.” (PINBOROUGH, 2013, p. 58). O afrontamento com a madrasta caracteriza essa transição entre a infância e a maturidade.

A respeito disso, Bettelheim (2015, p. 12) expõe que:

Os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciência e à inconsciência, seja em que nível for que cada uma esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, essas histórias falam ao ego que desabrocha e encorajam o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que aliam pressões pré-conscientes e inconscientes.

O segundo livro da Saga Encantadas procede explicações para uma conexão substancial ao enredo principal. Agora o cenário muda e observamos uma intertextualidade com o conto de fadas *Cinderela*, de Charles Perrault. Assim, os conflitos são deslocados para um reino diferente, porém conectando-se aos já apresentados em “Veneno”.

Essa ligação entre reinos é proposta a partir de um dos elementos mais comum advindos das primeiras criações dos contos, a floresta. Essa que nos primeiros textos da infância era incumbida dos medos e mazelas de uma sociedade e um empecilho para a aventura ou a consolidação de bravuras, serve agora como ponte entre as obras, pois todos os personagens necessitam passar por esse local e inevitavelmente interagir uns com os outros.

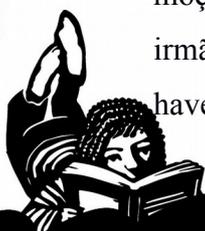
[...] — É fácil para uma floresta fazer uma criança se perder — retrucou com delicadeza o estranho. — A floresta se move quando quer, nunca percebeu? E pode fazê-lo desviar para uma direção diferente e dirigi-lo para onde ela quiser [...]

[...] Não vi nenhuma criança na floresta — disse ele. — Se tivesse visto, eu a teria mandado para casa. — Veio de muito longe? — perguntou o homem enquanto tornava a guardar o martelo no bolso.

— Estou só de passagem.

Não era a resposta à pergunta, mas pareceu suficiente, e os dois homens se despediram com acenos de cabeça [...] (PINBOROUGH, 2013, p. 10-11).

Cinderela, personagem principal do livro “Feitiço”, tem sua beleza equiparada a das moças de sua classe econômica. Porém ainda herda a conjuntura familiar, a madrasta e as irmãs adotivas, mas diferentemente da obra clássica, uma de suas irmãs já foi desposada, havendo uma diminuição da rivalidade afetiva. Bettelheim (2015, p. 33) aponta que





VII ENLIJE

“rivalidade fraterna se refere a uma constelação extremamente complexa de sentimentos e suas causas. Com raríssimas exceções, as emoções despertadas numa pessoa são bastante desproporcionais àquilo que, vista objetivamente, sua situação real”. As humilhações sofridas pela personagem principal são retratadas com a mesma intensidade, todavia há uma mudança comportamental da mesma que ao longo do enredo, a faz tomar caminhos que a levam ao triunfo perante suas irmãs.

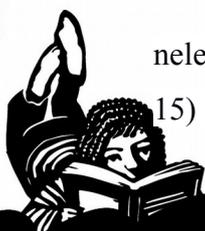
Com a interligação das obras temos a mutação de personagens. A madrasta da Branca de Neve agora é transportada para a figura de salvadora, na qual com sua magia busca socorrer a enteada da armadilha executada pelo príncipe, assumindo o posto de fada madrinha. A Madrasta rompe com a singularidade de personalidade advinda do tradicional conto de fadas em que é iminentemente má. A Fada Madrinha também é diferente e não convencional, que opostamente à da versão tradicional não concede a Cinderela um desejo, mas sim acordos.

Calma, eu não disse que não havia um preço por isso. — O que quer dizer? — Os dedos delgados estavam tão afundados em sua pele que ficou com medo que deixassem marcas. — Tudo na vida tem seu preço. — Lentamente, a fada madrinha a soltou. — Posso fazer isso por você, mas tem uma coisa que quero em troca. (PINBOROUGH, 2013, p. 66-67).

Como no conto clássico, Cinderela busca constantemente o reconhecimento e aprovação da Madrasta; como nunca vieram, a personagem começa a buscar alternativas que a tirem das explorações vividas, encontrando no casamento a saída, o que reflete valores da sociedade em que o homem é ainda uma fonte de segurança para o sexo feminino. Porém, o que liberta a moça das humilhações e arbitrariedades da Madrasta é o duelo que será traçado entre a mesma e sua meia irmã.

[...] Cinderela entrou em ação. De costas para a irmã de criação, atravessou o salão e cruzou o caminho do príncipe. Seus braços se esbarraram de leve, e ela ergueu o olhar para ele, com os olhos bem abertos.
— Sinto muito, sua alteza. — Ela se abaixou numa reverência. — Eu deveria olhar por onde ando.
— Não, eu devia ter visto... — Os olhos dele estavam fixos em Rose, mas naquele instante ele os abaixou para Cinderela. Foi o suficiente. A frase não chegou a terminar. Ele estendeu a mão para ela. — Acho que não dançamos esta noite. Eu teria me lembrado.
— Não dançamos.
— Então Vamos corrigir isso agora [...] (PINBOROUGH, 2013, P. 75).

Instaurado o conflito, “Feitiço” retoma o enredo de “Veneno”, finalizando as tensões nele iniciadas. Isso nos remete a uma importante observação feita por Bettelheim (2015, p. 15) “essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma





VII ENLIJE

variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana”.

“Poder”, último livro da *Saga Encantadas*, conclui a trilogia. Dialogando com a obra clássica “A Bela Adormecida”, dos Irmãos Grimm, esse livro explica todas as questões que ficaram interrompidas nas demais histórias. Esclarece, assim, o que leva cada personagem a se comportar de modo tão complexo nos enredos anteriores.

Seguindo o pensamento de Bettelheim (2015, p. 11-12) de que os contos de fadas, por estarem em tempo e espaço muito distinto da sociedade moderna, não a refletem, mas que suas interpretações podem fazer entender alguns problemas e levar a soluções, vemos que a intenção da autora ao fechar a Saga é a de oferecer ao leitor condições para novas interpretações do comportamento dos personagens, relacionando-o ao próprio comportamento da modernidade.

[...] num nível manifesto, os contos de fadas poucos ensinam sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; eles foram inventados muito antes do seu surgimento. No entanto, por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para as dificuldades em qualquer sociedade do que qualquer outro tipo de história [...]

A personagem principal ganha uma caracterização antes não vista, podendo representar o bem e o mal. Nos contos clássicos, a princesa é sempre submissa, virtuosa e obediente; na *Saga Encantadas*, ela é autônoma, decidida e forte. Além disso, pode apresentar-se boa ou má, dependendo das circunstâncias em que é colocada. Cria-se perante o psicológico uma alusão perceptiva, que faz pensar qual fator foi o primordial para o desfecho dessa parte narrativa, bem como desassocia a necessidade da figura masculina, sobretudo do príncipe como salvador, rompendo com a tradição.

[...] duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. O caçador envolveu a faixa de tecido bem apertada em torno do pequeno corte com o unguento impediu que a gota seguinte caísse da ferida; o príncipe ignorou o aviso de Petra, baixou a boca até a da princesa adormecida e a beijou. Um tremor repentino percorreu todas as pedras do castelo, e em seguida, assim que ergueu os lábios dos dela, a garota engasgou, depois tossiu e em seguida abriu os olhos [...] (PINBOROUGH, 2014, p.62).

Nada mais moderno que a inserção do erótico na obra juvenil. Assim, a autora desassocia a adaptação para o público infantil e dos enredos supostamente ingênuos e pueris, mostrando o desenvolvimento da sexualidade característico dessa fase e sobretudo a presença da figura feminina como autônoma e capaz de escolher o próprio destino: “Sobre o tapete grosso de pele duas mulheres montavam sobre um homem deitado, uma de frente para a outra”

(83) 3322.3222

contos@enlije.com.br

www.enlije.com.br





uma com as coxas abertas sobre a cara dele, a outra sobre sua pelve, e enquanto o prendiam no chão para seu prazer[...]” (PINBOROUGH, 2014, p.153). Essas interferências remetem sobretudo a desvinculação da figura masculina como um condutor de prazeres e a negação do sexo para as mulheres, de quem a sociedade machista exige pudores e submissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da análise da *Saga Encantadas*, podemos perceber que na atualidade há uma gama de autores que começam a se inserir na vertente das adaptações ou releituras, e se utilizam das obras clássicas, sobretudo os contos de fadas, como uma nova forma de representar a contemporaneidade. A escolha dessas obras partiu sobretudo do fato de os contos de fadas terem uma participação na vida do ser humano, desde do nascimento até a vida adulta.

É notório que o tempo vigente influencia diretamente nas produções de adaptações. É por esse motivo que temos uma aproximação do personagem ficcional com pessoas reais, em que não só os costumes são atualizados, mais também a própria caracterização física, a utilização da linguagem e a personalidade, refletindo nossa sociedade. Todavia, é perceptível que a autora não interfere naquilo que já foi assimilado pelo leitor ao longo do tempo, mas cria novas possibilidades interpretativas, explica os não ditos, entremeia situações e contextos, edifica novos rumos para a história, constrói novos personagens e novos conflitos.

A *Saga Encantada* rompe com as características ingênuas dos contos de fadas, construindo outros contos e deslocando-os para outro público, o juvenil e jovem adulto. A fantasia e a imaginação dos contos de fadas são mantidas e a valorização do enredo clássico é o ponto de partida para as novas vértices dos enredos construídos, nos quais estão inseridos aspectos culturais e sociais dos mais diversos. Com isso, há um favorecimento da visão do jovem para a literatura, proporcionando novos vieses de ampliação no vocabulário, exploração de temas diversos, interpretações diferenciadas e vasta construção de sentidos, ligados ao retorno do hábito de ler e ao prazer com os livros.

Assim, podemos concluir que essas novas recriações dos contos de fadas podem reavivar o interesse do jovem pela leitura, bem como produzir uma maior veiculação das obras infantojuvenis para todos os públicos, desassociando uma visão antiga de que os contos de fadas tem como única utilidade entreter as crianças.





VII ENLIJE

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 30. ed. São Paul: Paz e Terra, 2015.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CANDIDO, Antonio. et. al. *A personagem de ficção*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: Dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. 3. ed. São Paulo: Paulus. 2009.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- CURIA, Denise Fonseca dos Santos. *A literatura infanto-juvenil na contemporaneidade: um outro olhar para o literário em sala de aula*. Rio Grande do Sul, Revista Thema, vol. 09, 2012.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Contos dos Irmãos Grimm*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- HUNT, Peter. A Literatura infantil e as novas mídias. IN: *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução Cid Knipel Editora Cosac Naify, 2015.
- MEREGE, Ana Lúcia. *Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno*. São Paulo: Claridade, 2010.
- PINBOROUGH, Sarah. *Feitiço*. Tradução de Edmundo Barreiros. São Paulo: Única Editora. 2013.
- PINBOROUGH, Sarah. *Poder*. Tradução de Edmundo Barreiros. São Paulo: Única Editora. 2014.
- PINBOROUGH, Sarah. *Veneno*. Tradução de Edmundo Barreiros. São Paulo: Única Editora. 2013.

